

lumme
editor

OCOS

piero eyben

Edição © Lumme Editor ®, 2011

Projeto gráfico/Editor do livro: Francisco dos Santos

ISBN

Realizado o Depósito Legal.

Ficha catalográfica

Eyben, Piero

E97o Ocos / Piero Eyben;
São Paulo: Lumme Editor ®, 2011.

124p. 19cm.

1. Poesia brasileira. I. Autor. II. Título.

CDD 869.91

para fabricia

OCOS

(poemas)

es allí donde sueñan los torsos bajo la gula de la hierba.
allí los corales empapan la desesperación de la tinta,
los durmientes borran sus perfites bajo la madeja de los caracoles.
y queda el hueco de la danza sobre las últimas cenizas.

federico garcía lorca

what common language to unravel?
the falls, combed into straight lines
from that ratter of rock's
lip. strike it! the middle of

william carlos williams

dramatis personae

primeiro vāo	15
imagem do mondego	
dente-de-leão	
estaca	
mutum	
das ding	
tulipa	
breve viração de cimos	
face (1)	
mais-além anchieta	
segundo vāo	27
βαρβαροφωνέω	
livro	
lâmpada	
galactode:	
face (2)	
marionete	
pronome	
cavito	
ex nihilo nihil fit	
terceiro vāo	39
σοφία	
peça (1)	
peça (2)	
gu-ti-shi	
peça (3)	
poema	
mãos	
fina <i>imagén</i>	
vaho de refilón	

quarto vāo	49
conversa com li po	
occidendos esse	
face (3)	
clitemnestra	
penso	
harpóide mamônica à sousândrade	
abelha	
δίσκος της φαιστού ou um paragrama em creta	
casas em goiás	
enguias sob o papel de seda	60
o propósito de bachelard	
a bailarina de(-)gás	
asperge	
a segunda verdade	
enguias de char	
lírica	
abapuroswald	
uma imagem a josé lezama lima	
solstício	
quinto vāo	75
ária-nada	
violoncelo	
escadaria (1)	
abaixo de bashô, o casco	
relógio de areia	
faca	
sal	
große fugue von beethoven	
massada	
sexto vāo	89
poema (2)	
ração	
suçuarana	
vila	
maleta	

fenda
tu fu contemplando o deserto
devaneio
de profundis

sétimo vão 103

máscara mortuária de dante
cacto de popa
lâmina
derivação de flaubert
desde samba
conversa de cabra
tapete
bergamotas de maranhão sobrinho
rodografia de flor

occare 115

vespa
uma forja
carvão
tucum
carmim e pedras
caroço
urutu
ori orixá
fio

primeiro vão

imagem do mondego

paira ainda um corte
– tecido de bordar, voz –
treme o chão, uivando
mal ditas palavras, infausto
anúncio, sentença de gentes
– corte, à mão, tece à destra –
conluio de coroas, convívio
exílio de mandrágoras, púrpur:
relicário, escorrem maculosos
os peitos do por achar.

dente-de-leão

há fiapos ávidos,
fruto nãoostalgico

como se amarelecesse,
necessidade da brandura
fosca em tarde de aurora.

nãoovãos da atmosfera
circundante-s canteiros
de diasfiapos noutrora.

serra de caules, possíveis,
nuessência da palavra,
fimbrias raízes de sóis,

(qual branco, qual amarelerde)
soluço em pianista
mostra outra parte da outra.

capinácio ruminando
pelas lexias no vento,
linhas brandas que se

amontoam em pó dourives
como confusa conessênciam
dos pêl o douro.

a boca vai-se fechando,
quando crescem os odores

estaca

presa, falas à madeira
perto do marrom como
pico. fugidia.

escultura molde
estende a marca
esférica da vida

ferocidade sagaz

mutum

esférica manhã de flagra
a perdiz sub-reptícia
do canto, morosidade.

aberto, o bico vermelha,
goela balança tal cobra,
soturnidade da manhã
sob as penas.

mascara a sensibilidade
da fuga, morada. som
vicejo das negras.

ora macia carne de
palavra. ora sombria
noite de maltrato.

às mangas ao redor,
pomos de terra
aurícula, cospem
meninos fora delas.
preta pena posta pacá [pena preta pacá postá
pomos terra, barriga morta.

as margens da esfera,
noturnidade de vozes.

das ding

a coisa fala
palavras de leite
branca a fronte
fala ao des-
(*aube*)
enhar apenas, cala.

tulipa

copo amarelo nadando,
soluço de dia que varre.
transbordaram as velhas
facas do monstro
e as cores em verde
se diluindo.

azul noturno dos odores,
copo amarelo tardando.
tua limpa essência,
matiz da cor, volatilidade
de temporalidade, pedra
rubi de silêncios.

pacto de jardim de serpentinas,
candelabro de ocasidade.

breve viração de cimos

à rota úmida tange a rosa
pousada em flanco dorm-
ente quase um sussúrio de asa
espira inalando o expiro –

grão e tez insone horríssona
fúria escura turva –
warte nur, balde: à penas e
fiapos nus em finas nudezes;

tange quase as copas folhudas –
olho-de-cão – lento levantou-se
o renegro tom de busto tingido
ist ruh, silencio sossegos e re-

pouso: sabedor de aves calcá-
rias (teia-e-mel) – *über allen* –
as estacas cavam estrados de
brisa e bosquejo: aragem-poema.

face (1)

os vitrais refletem uma permanência,
bancos tons-vemelho-azulados de carvão,
apenas os olhos os vêem 

mais-além de anchieta

*that skull had a tongue in it
hamlet*

parecem colares,
a glória de furtar
cavalos de pasto –

parecem de brilho,
o duradouro halo
de inconstâncias –

parecem da parte,
um todo de braço
baço de escrita –

parecem um sopro,
de quase estile,
alfabeto em nume –

parecem de mistério,
os iliônicos cavalos
e adros em companhia –

parecem de jambos,
as cores daquilo
em que se banham a espada –

parecem de mãos atadas,
os pregospectros
em que capitulam romãs –

parecem de repente, 
sombra do retábulo
esquecido de outra hora –

**

com isso,

um velho jesuít^a se ergue
em redondilha arena
à margem de tudo –
mesmo do abraão ou
moisés sob uma tábula –
como que num não findo
espaço de ocre e gaivota
– óleo de calisto fuça o fundo –
inscreve –

em vulgata língua do povo
como parábolas sobrinscritas
do braço em que se esticam
a pena e a tinta;
e a caveira de yorick deslumbra
mortalha humana envolta em
sangue tênue e textura rubra
– um velho de barbas ralhadas
em uma enorme placa encerada
de folhas de amaro açafraõ –
um breve estúdio concentra-se
e torna-se muito além da teresa
em êxtase em santa maria della
vitoria

um lázaro se levanta,
– a tenerife desaparece;
o retiro de reritiba também –
a sé do taumaturgo –
oú tubixá katú de memória
à virgem, para ele divinizada –
de memória: sem rangerem as
portas nos seus gozos

e um dedo entre a pele,
em que tome a vista via,
serve a conferir – no
claro negro da iluminura
um tecido de mortalha
(dorso nu e cara vaga)
na dúvida sobrescrita

em código em gume

em bastão, areia e onda. 

segundo vão

βαρβαροφωνέω

basilaica troada, fumegando,
fúlmen de sonho em corte e
esquadro e mel: solerte-mir
ada aos povos, lamparina.

retumba o todomar, odores,
um quase-sono e pavor de
homens esguios, contra-enfeite
de serpe – três ao menos –

ao moço alado, coroa-bordada,
em testa hósi: unindo letras,
capitais. bonecas de trapos
soletram: οἶνοπα πόντον .

bárbara morada, brônzeo-céu
de noturno pilão sobrevoa dez
línguas, povos: cobertos de grãos
às carnes, o silêncio matreiro.

retoando ao cós, coração de
corpos (*e.l provençal*), o cego
surto-horto, calhando seixo,
à sós tamíris, sem cítara, mudo.

em arabesco hialino, teias de
guerra, queimados os braços –
veias basílicas – em um só ramo
ode ao acaso, acossada: freme.

de margem, várzea aurífera,
o milharal soergue-se aos pés:

destroncada voz, ventres. às
barcas seguem secos verdugos –

monturo das gentes, conluio
de heras, mil vezes brocada,
de uma só ferida aflige: sem
gume, a lâmina-língua desova

evasiva o refugo de têmperas,
num só mar – recife – de mácula.

livro

começam às páginas
como manchas de brancura
começam às páginas
como sinos nos ninhos,
desertos arcabouços,

ao formato, retilíneas
soluções do matema,
risco rabisco do sem
tido outra margem.

campo de lábios, há
soluções imitativas
na cortina explícita
da casca, vozeia, transtorna
da figura, floreios.

ereto forma-fermenta
as audíveis subterrâneas,
folha olha de cão –
sumiço em zero –
celulose entre couro
e cola.

deitando a moldura,
material de fascínios,
aveluda carbúnculos.

lâmpada

atenta às brancas fôrmas
da invértebra sonata,
além do apôs tecido,

fez-se noturna, a chaga
das chagas sob o papel.
ora marisco, a cintilante,

salta entre os entendidos
corpóreos noturnos,
a sombra que se abria

da amendoeira fosca
de casca, novelo
da cabra fêmea?

galactode:

de mãos e pés imundo encontra ulisses
de fresca mortualha circundando;
como o leão que, tendo a rês comido,
cruento o peito e a cara, avulta horrível.

eôo. surge um topázio cordabóbora:
malefeito dos juncos ainda polifosfóreo;
insuspeitos pés sob pás de felinuras.
os rapazes se translumiam com o olorido de

ventanas ainda capazes de víboras sâs.
cêmente calcária dos óbolos pretesosséia,
fresca é a dedirrósea fauce faceira em truques,
ainda os rastros da manhã neste cheiro de

açafrão, açaflor e pimenta do reino,
mas me traziam ainda a estória dum certo
vasco. euricléia  lechorando as pertináncias,
ainda tecer quaisquer mortalhas – murtulhas

do ancião português – do mátrio sonolento
a ílion tonitroante. poliglauco, regougo:
cetim túlica dúteros sempimolhados
emergindo do gozo a ferrugem doutono:

aporta enfinis no corocre cambaio de escumas;
tenebrosa nau sob caríbides e cila – boca vaginal –
avança velozes cavalheiros em barba e busto
prístino nutriz do mar. da guela à cerviz um

portal se abre balsâmico o tesouro dolveiras 

do profundo ulisses – odisseus desmesurado –
semelha aos deuses todos e tu, egífero. barbífero
e teso ânfora do maralto oucião – okeanospögão –

férrea ferina calipso, ninfinitos óleos altitoante
enfeita os feitiços – hermógenes aporta a ínsula
crebra – pois aos imortais, dão-se todos. promessa
de desmorrer, o mercúrio impede – infrugífera ‘mbrosia.

ao nubícogo zombateia a filha de nereu. desejo
mucoso pelo mortal ambrósio. liguaceiras trazem
o desafio ao perdido, crê-se partir em nau arrancada
de aléias – ao occyano tudo ainda era nudez. 

vinte primeiras estações retrazem o astuto,
mendigo cicatriz, fabro de idéia  tas aos
procos: enquanto atese o arcodisséico, a
armela agra é trancada: olhos tritônicos.

à espera, penélope, e odisseu tergiversa
a morte dos ímpios nefandos pretensos.
as ilhargas retombam sob a mole: spéculo
do auritrono reservado ao andro.

face (2)

as paredes das casas,
o intacto de branco,
o intato de preto,
reduziram-se ao pó poroso,
cal de uma manhã
amarela de signos.

os rostos tulipam
às facas.

marionete

éter, remo oculto
fumo da soturna

fio sobre a aparência
um outro sono em
madeira e forja

ruído, estante de
cupim da soturna

engenho sobre a taba
paleólica, figuro em
rio dos morros
dânaos prestes

vulto, moroso muro
cal da soturna

pronomé

(primeira)

louva-deus em pé
soluço, mar deslocado
des-presença atlas

(segunda)

saltas, arvoredo
de peles subaquáticas
noturnas a manhã

(terceira)

marisca olhos-pó,
mundança do verbo ar
perigo do dito

(plural)

acumulam passos,
regamos as manhãs doiras,
buscrais a serena

cáutivo

canto de flauta,
sob a seda, anseio ameno.

brocado em flor,
só corpo, escolho.

ave leve, em fuga,
ao sol sem brios, esparso espelho.

folha tombada, de teus fungos
ocre solo, caules ou corpos:

calam-se os nomes,
pérola transparente,
olham, cristal da lua,
espaços abertos; deixe-o.

ex nihilo nihil fit

participa do nada
como aquele que
de nada faz participar

faz-se ou sê ens
sem notaçao -
tudo ex, est, is

filame da coisa -
em si - rem de coisa -
como górgias:

inexprimível, o que
existe é, como nada,
incognoscível.

faz-se, fez-se,
aurora - l'aura
amara - de vazio

secundum
formam
loquendi.

terceiro v o

σοφία

em um salto, premeditado –
prática poética –
os pés irisnevoados
ressurgem em instante –
segundo ou minuto –
terra, ocre que me
recorda o ainda não visto
mar egeu.

peça (1)

como se crua abre,
bastidores revelados,
sombra do corvo olhos
modela os segmentos foscas,
uma formiga áurea,
consome a dança estática
efêmera a face, ósculo.

peça (2)

- haiku -

chave-inglesa avança,
sensibilidade, medra
ímpeto de calmas.

silente marca água,
tábua oblíqua, vergalho oco,
as perenes asas.

mácula, aberta água,
marisco fervilhando ovos,
estático penso.

pássaro atonal,
voz repentina às avessas,
sobrevoa a madeira.

gu-ti-shi

ao sul, levante de panóplias,
flâmulas servas, mastros ao olvido,
ainda que noturno, toda água
rósea de raios, sobre o rio,
bóia; perfume de lótus. bebe a lua
no *chang jiang*.

peça (3)

nutre a borboleta,
pedaço à pétala amora,
soluço de dados.
como outrora, vorada alta,
muda o ombro ou olho velar.
som cigarra tronco oco,
noturno ideário,
nódoa marrom cinzenta
ourives dos tempos.
a terra roxa move-se.

poema

o polvilho palmilha,
pó amarga a noturna,
como pétala, flor seca,
transparente de branco.

o polvilho palmilha:
se não há, objetal mediana
das massas cinzentas da
mediação, forma de
excluir o faro
cáulico da areia.

polvilho palmilha,
térrea escada de palavras,
abertura de escândalos,
abelha-formiga e mel.

portão das marcas
de pó, biscoito.
vento entre espaço
cavernoso de branco.

o solstício, cupins roem
as bancadas, ultrapassa,
fronteira de silêncio.

mãos

mão em ferro
em daimônico diamante
inventa um toque,
silêncio de palavras,
abstrato de palavras.

mão em nó,
exatas pontas de mistério,
material, obscuro;
cheiro de cordas,
atar o sentido.

mão em luva,
nostálgica morosa,
há era uma data;
cobertura de dedos
fonemas, semântica.

as mãos pos-
tulam-se: tecendo.
há um tempo
para as rugas.

fina imagén

o dia veio, mariposa. gorjeio de manchas. macas de arboreto, consomem as *palomas*. o dia grunhia em besouros, as velas acesas ainda. comem-se romãs. as mãos soam patas, *gramilvos*. o bico do dia branco. o soluço das sementes, cinza. mas o dia ainda. um crisântemo alivia a hora. tarde. fátuo. tronco de marrom: enigma e porto. casco grosso de escuro. o dia punha-se. o que sabe o cordão: liga fíbrria. duas estórias de calango. tecido de redondo, componhem as flores. folhas de manga. folha de maracujá. seca. tolhem os sons com imagens. odor de criança. sobem, descem. sibilam as pitonisas. como foram. força de *recuerdos*. o dia suspirando em frestas. formigas. fogem-se. algodão soa correntes. lambo- um enxame de negrume e mar. carvão de pinças e agulhas. o velho tanque – uma rã barulha. Imerge, a camélia na escuridão do velho poço. imóvel a rã firma as montanhas. o fósforo dança ainda. uma libélula. meiavolta de sol. há água. imberbe os cachos. *plume solitaire éperdue*. copo de grilo. dente-de-leão minguante. aspiram. leve o odor de fruto. plúmeo quilombo de zunes e toranas. o amor se perfaz em cigarras.

vaho de refilón

reposa, sin pájaro,
en roto
ese morir, brumosas
de
locura.

tú pecho, desastre
quedó 
deseo o melancólica
amiga

ojos contra esa 
corrura, en temprana
rota o desplante y
ruido sobre
irme cabe, 
ritmo o

frialdad y tú
bajo esa tarde
el desastre, quedar
me suyo,
dejas la
tristeza rota?
e l l a

quarto vão

conversa com li po

cálice. vinho posto
à escadaria e geada.
lutas infinita-
mente ao império do
meio.

baixa sob uma lua,
a cortina na qual despertam
flores, sessenta períodos
sazonais.

olhar de prata
sobre a névoa,
escuridão de nunca.
o ocaso não entende.

face (3)

conflui o mesmo dia
pelo relógio da sala,
a memória era cinza.

o dia oferece uma pêra.

occidendos esse

sunt apud infernos tot milia formosarum
propércio

se, forma bética de cianuro,
lenta voz, respiro fosco,
leve, segue o som de leve,
cego, amarga vista, fonte ao sol
mourisca fronte, leve cego som,
some lei, morte em moira face
terçã, ao segue leque, vento leve:
se agouro, faísca – freme toda
terra, fosca gente, errante – ao som
de leve, segue cega vista ou fronte
leque; terna oca a boca e olhos sãos,
aos dentes ranger as plumas, ao
leve cego som de corpo, ao gonzo,
sol, maura figura, gongo, à voz e ao
rio calados, mudos. límpida, leve
voz ou eco ao som de leve, segue
em sendo, lei cega, faca ou fonte
mesma ainda.

clitemnestra

suspensas as mãos,
o punhal transpassa o rei,
soturno golpe,
como carnadura de
olfato e teor.

suspende a palma e
que ereta se inclinara e
sobre o tapete é
rubra forma dos pensares
do odor e da chama.

negro vestígio,
entorpece o viúvo olho
entre sonho oscular,
cassandra emudece-se.
a víbora mama.

penso

corte ata a
dura do tempo,
sorriso calmo
sobre a folha
seca ao pó de
jardim escrito.

corta a pele,
primeira camada
maciça de couro
e celulose branca,
cal esférica de morada,
de palavras.

o espiralado vento
sombria a ferida
oca de tempo, oca
de matéria, de cor;
e como monturo
de moldes, a peça branca
se desfaz em cetim.

moldura tácita da
pele, do corpo.

soluço de corte
rala a película
supérflua, e pende
como uma preguiça
sob o galho, o mais alto.

harpóide mamônica à sousândrade

pequeno muísca
sonha setas,
dos vasos vermelhos,
xeques – pretobranco
de esquadros –

périplo de tules,
mar arranhado
de raízes, flautas sonincas:
apalpa uma dança
– coroar de pedro.

tatuturema: andes *dillo tempore*
mammumma de mimos
e estradas: memorabilia
tatuturema

garganta de cão:
eia de retiros, despaternos bisões
volvem our spokesman = in
alado mamão, jericó
de manhattã:

news' inferno doce,
apurimac celebra,
ofrenda nutrindo
a young-lady novaiorquina.

sibilas.

entranábase do equador = 

vox clamantis
spranza dórica:
quais ílions retombadas
was what the lord demanded 

marginália,
readers cravos
de espectros:
"co'o alfinete '*i am busy*' penetro".

abelha

azoina a cera e o mel,
às operárias, favos.

vô  sharelo negro
das entradas comélicas,
altiva produção, hexágono
frontal, defensivas antenas.

pê  apiculiformes de olhos,
zune zebra, o âmbar de casulo.

espectros fávicos, zunzuna rés
a fértil no cacho, rainha reina,
calvas entranças de amarelo,
com dentes e fel, destila
o feltro que corrige o mel.

acre, o sabor ferrão, reveste
negramarelados os espectros.

δίσκος της φαιστού ou um paragrama em creta

da hecatombe tornada em
mel e água, vinho meticoloso,
revém da natura, origem, o
sentido ágrico, árido em voltas
da cabeça plumada, do elmo
efébico, tira ou escudo em que
se escreve a inscrição de que
aqui memória já desteceu-se:
trama de mesma estória dos
brutus.

um gato, ou uma flauta direcionada,
sobrepõe o sentido da palavra
dita
escrita
grafada
em
disse
minha
ações

casas em goiás

casas em goiás
– tudo igual de
ver, revem imago,
de sonho (pobre iago) –

casas todas baixas
casebres de telhado
e pé-direito alto –
um talhe ao locus da ursa –

casas em góias
todas constrictas
de barro, madeira
e paralelas em brita
das ruas.

as casas são também
como as portas, de
cidades, sempre ermas,
abertas:

abrem-se duas pistas
– mãos únicas de carros –
= queijo trança! pequi!
aos montes, como o barro

ao meio um canteiro
= *nel mezzo del camin*
verde, em geral, em que
se elevam

b u r i t i s

enguias sob o papel de vegetal

o propósito de bachelard

sobre as penas
um silêncio no-
turvo:

a espera do outroutrar
uma palavra:
rêverie.

passeio de concreto,
praça redonda, esfera-laranja,
do lado a infância, sob-
parque di-
urna.

a casa velha expandia-se,
como uma anedota do escrevente,
e as fulgurações se paravam
inter-
lúnio: escritura.

a bailarina de(-)gás

ereto, o corpo
moldura de aços,
metal branco,
rodopiam música.

um silêncio noturno e negro,
sonho – ἄρχη – e deserto,
o som retorna, novo,
vitrola gramofonada. a menina
bailava pica-pau,
alarido em penas e peles,
ereta.

pé, *saut e pli*.

braço delineia a curva
do ar, em pernas, amplexo
de saltos:

monumento de face seca,
olho a olho, laminando-se,
ferro à ponte gasta, silêncio
das cordas, de cor.

parados, os dedos
suspendem a imagem,
uma cidade entre-
cortadas mãos.

dissoluto um som, 
esponjas selvagens

corrompem o corpo,
a mulher-transformada
abre-se com as tulipas,
olhos de cinza e caracol,



a longa saia vermelha
suplanta *la careta que cae*
da vestimenta:

ar moroso de transparência
um fósforo, e tourada!

asperge

em cada orifício do dia, sobre-
passo embrutecido de leveza
e aspereza de seda, inocente
treva ou jóia  quanto ouço,
senil, mortuário, apenas aqu-
ele negativo de pequenas ho-
rasas mutilações e corte de d-
amas; morosidade macilenta.

a segunda verdade

uma das estações:
da quente mortalha
descobrem ouriços
e mar e iscas –

uma das estações:
solfejo de nácar
soluço em facas
e cabo em caos –

ótica *saison*:
umoutra brisada
amálgama e ganho
ferrageiro em cobre:

alma ganha gamada
gorjeio de gralha
gamelia e pó – solfejo
em nada.

uma outra estação:
a dos sorrisos em cabras
mulher e ser em nata
lucidez de razão –

a outra estação:
há mais vida e nada
há mais gesto em fada
em grosso, espada e condão

adaga e nesga, o filame
de lástima, fio de acre:
resta aqui, um sonho bosto
em bastão.

enguias de char

"le fruit est aveugle. c'est l'arbre qui voit."

rené char

o amarelo negaço
do riso
suspende a mão
de flores servis,
uma lanterna de
espaços longos, longe,
unem a estação
e aparência:

os nomes entre-
abertos de caminhos
do marinho.

contam-se nadadeiras foscas
da cobra. entre um não
ver e ver-
são dos lamaçais.

τέλειος ossos,
peixe brânquia,
não há.

noturnidade da origem:
a violência feroz sobre o muçum –
quase cobra prevenida em
massa-
acre.

o caramuru rei
de sorriso lasso,
a pele ainda doira
de escamas, o realizado
trovão da chegada.

o caramuru desobedece,
obscuro feixe elétrico a-
ventral nadadeira
fulmina.

o torso não se volta ao sal
à l'aube des mouches,
toda a cassa
extinta.

um corredor aberto
entre duas imagens
de perfume.

Lírica

uma sombra
esta dança
a forma de tua forma
hás pérolas incendes

uma dança
esta sombra

emerge!
silêncios de olhar
um dois músculos
escutam o canto
amaflores precipícios,
princípios

há o tempo enquanto não o há.

promessa de dívidas –
silente razão cede –
veste a manhã de céu;
arcos de púrpura
plenificados de pulmão
n'avoir qu'elle
um dos lados másculos

a onda de quem fala com ela...
não se vive de noites.

estremecia a lacrimosa planta
em uma calma de alvor e dura pedra

a serpente ainda dança 

urutu selvamor –
ainda as espadas
trespassam uma das mãos
a saber, silencies dois sons
um dos passos – irriga a carícia de outro

uma palavra
lavra a pálida
lida desmoronada
nadifica um minuto vão

cessa amplo vazio,
odor e corpo, a boca
desnivelada sabe
 um espaço entre
um dente-de-leão
despetala a manhã,
suor sobre a estaca,
como teu corpo dança
entrementes em mim.

abapuroswald

preta pequenina
do peso das cadeias.

um ainda menino,
pianal dos olhares,
de lampiões aclimata
duas auroras
negras.

preta pequenina
do peso das cadeias.

voltar urgente,
casa em ruína.

foge na sé
da saudade
da preta.

uma foto
grafia de marrons
em fagos,
memórias
de um topázio:

o derrame de um
rio
plica pero...
o cão ainda ladra.

uma imagem a josé lezama lima

"es la función del anzuelo,
tirar un pescado al cielo,
llenar de azul la distancia." 

(imagem, noite veloz da figura,
sobrepassa, pontas de lápis,
pensas, à sombra
as possibilidades de azul)

(des-
dôbre do volátil sobalço,
a água permanece)

(instante do um,
arfante mural,
em desgaste, informe)

(abre-se uma luz –
conduto arrebol de
fogo à cidade
cerco de bandidos,
fechado)

(há)

duas nuvens esperam
o mesmo anzol
de distância.

solstício

do retângulo ósseo
ao arvorar de músculos –
um sulco em succção: véreo
plasma de nuvem e cartilagem.

cavernosos, tochas erguidas,
os lábios falseiam um junco
de dentadas e sorriso.

mas logo adentram cuneiformes,
pacto-e-contrapacto, a cavernosa

orquídea em flor e orvalho branco.

quinto vão

ária-nada

sibili,
reza zero som em zunido silente,
nulo,
máscara em nácar e moura náiade maciça,
ao chão,
beges gestos chiando gorjeios rútilos,
doados,
cutelo tramado em dente tecido.

vozes,
em fauna, vértice ou vento, foz
caladas gárgulas,
em cal, doce guarita,
pintadas – borra negra, piche –
em branca
letra colmada
fagulha de nada ou res,
sibila.

violoncelo

madeira oca em
quatro cordas.
pé, sombra ao
chão compósita de
baixios.

o som não houve.
suspende a madeira
pôr um braço, clave
dissonante do buraco
escuro.

o peso, maior em chaves,
distorção, compromete
o silêncio, vazio do monu-
mento parado, areia em
pedra-caule das hastas, e da
sombra sobrentre a parede
branca.

escadaria (1)

(a)

defronte amarela
remoendo de cupins,
degraus incandescem.

acinzentando as ameixas,
o ósculo de mocas
sobrepõem-se  de auroras.

largo cabeçalho
do outono, momentâneo
olho serpentino.

(b)

espessa as asas do sem
corrimão ouriprata,
pessoa descalça em pedra

copula as falanges,
cilindros das espessuras,
entre degrau e pé.

morosidade, o olho d'água,
pé ante pé, amarelo,
tateia o espaço contínuo

deitado como isca,
linha vertihorizontal,
no ocaso dos olhos.

(c)

ascensão, decrépito ar,
descende entre pedra e pé.

abaixo de bashô, o casco

(a)

o sob sobreiro,
rés-valada a luz do meio-
dia se indo.

(b)

as pessoas passando,
aurora multimilenar,
ainda sorriem.

(c)

batedores sobre
as ruas, de-clina o som,
apenas borboletas.

(d)

não se aprende o hai-
kai, visualidade do já,
se faz – avernotenso.

relógio de areia

destempo: temerário
o temor de demência
errática gramática de
gralhas e pontiagudas
velhas velas de algodão.

algo se dá no inter
mediário terrâneo
entre ferrugem e fla-
mingua – uma língua
de dentes e polvilho –

um entre-
calar-se de
mariposas
nas tardes
em chames.

faca

como se o fio metal
deslocasse a moldura,

entreabriu-se a tela
entre a brisa e vela,

as pratas hacanéia
grunhem como cabo,

galho ou bosque alheio,
encerram a matéria, som

de trecho, noturno de
guincho, navalha.

lâmina dormita sobre
a mesa, pouso retilíneo

de pano e fel, em decoro.
guilhotina o trapézio mago

e murmura, bosque que é flor,
sob o fascínio da lâmpada

prátea e homoesférica.

sal

nódoa, ponto negro
em que o poema azeite
as formas, branca.

respingo do sentido,
condimenta a matéria
e afugenta o tempo.

lanugem canela, oposto
cândi de sabor; poema
proscreve o tato salobre.

salmoura de tecidos,
condensa o grão, opaco
de lã de açúcar de tinta.

große fugue von beethoven

recupera os olhos, cabelos
revoltos, variação, vórtice
rememorante da natura

náutico abismo sobrevém:
naufrágio de pedras, andro
namorado em tríplice som

sonho dissonante, tons, loa.
soturno salto, violeta Ÿþriç
sonora, santeando, presto si.

sibilante fúria do não, em maior
silente allegro de cordas, daquel
si, surdo: sobrepuxa movimento.

massada

1. crosta em sal, mar salobro cerúleo,
tâmaras, colunatas, grã óleo ou pérgamo:
sobrecolore adjuras, há água e *azur*, tálamo.
2. em hora de calor obscuro, oriental
zéfiro, partida dupla, foco nudescendo:
fresta ao vento ornada, rijo, poente.
3. à peninsulada fôrma, narra ulisses
tutte le stelle già de l'altro polo:
ao que cai, fronte senescendo, tolhe.
4. à casta do mar morto, assi contam:
homens, babalorixá assi quis, ao conto,
que lágrima verte, ao verde ramo, longo.
5. turquesa, brando pêlo foresce,
às oliveiras – caledônias entre javardo –
aspergindo pedra, perda e fumo-dardo.
6. medram-se pétalas, ao sumo silêncio
aquiescido, riem-se falanges às estrelas
ornadas de entrementes, treliça ao trelho.
7. ao mar asfalto de homens do por-achar,
funesto guia de sol, sono bom, sonho fosco.
ASFALTO, SAL: حبلا تيملا CHLAMAH SAI reunidos, toso.
8. yosef ben-mativityahu: entoa gesta, refrega
à fraga núncia: resistem aos romanos,
amor, aroma: em concílio, agora de anos.

9. ao monte fronte – topo-chapado – às pedras
douro macilentas – dores ancorando – marrom
acima, salgada tez, mês a mês horda em rum.
10. *luce*: espanto, em ovalado paço, pés
de herodes, em fortaleza de numes, brocado
celeiro em vinho, fecundo cais, descende halo.
11. dátil, jerivá: palmares, frescor de comes,
jardim-flor, ao que vultos em córregos
salteiam – lua escura – a comer só cores.
12. acima o monte, resiste, rijo – fixo opondo-se –
penélope ao que pretendo, meléagro dentro:
em espera, cleópatra, *kléos*, rododendros.
13. acima o monte, firme, resistindo ainda:
à plúvea água em calcário subterrada,
sobreavém, em vô  ve, ave em fuga, adaga.
14. reservam-se à noite, poliescavada, fátua
em fome sonha – à faca cortam, sem dedos,
calham. preso funéreo, em gualandi, medos.
15. (ugolino: espurge, semeando seus olhos,
em repouso, tolhe-se a seca foz, boca,
sem voz, sedento, em estalo férreo, oco
16. verrume ao espaço consolado ao verso de si,
como víscera enxuga, tortura de pequenos:
o castelo – de barbas além – vespeiro, ao menos.)

17. zelosos assim, ao todo mortos, em que há,
escarpada estirpe, mil homens sobrepostos:
mosaico de sicários – por curva adaga ostentar.
18. silvos, loba-pantera: onça frente ao penhasco;
em pedregulhos rolantes, hulha de homens,
a resistir, freme ao tremor, aríete guardas sens.
19. videiras vociferando; feras clavas, ventando:
flamas acesopagadas, permanecem, só noite
estanca o atar de nós, às próprias cortes, invés do açoite.
20. eleazar ben jair: à massa de homens, andros foscos
de guerrear dirige-se – cortam-se, e aos demais, as gorjas. 
fenecendo vozes, púberes ainda, zelotes às forjas.
21. restando, ao que fere, vera estória em quebranto
– exu guerreiro, senhor das encruzilhadas, auro
padê declamas, fortificado canto-mensagem, tal mauro –
22. de após goelas em azeite rubro: dez restam enleadados.
linhos firmes, medos calmos, em cerâmica herda
o nome casto – mesmo eleazar – ao acaso traça erva.
23. diz: quem daqueles, à maça entregue, ateou gume
sobre os restantes dez? um só, ao fogo entrega o paço:
homem afinal a cair-se sobre seu fio, ao passo
24. único de filha, esposa nua: ao aço entrega-se
em breve pecar-se; branda é lei penosa, às mortes
da urbe rechaçada, um só louro àqueles orne.

25. à frente do lago asfaltite, todos preparados,
o aroma que sobrevoa o ocidente ao amor
que colore canto e pranto, férreas galeras, ao mor.
26. e só som oco, provocam, só som nulo: silêncio.

sexto v̄o

poema (2)

maciça, a palavra
torna água, torna à
fonte submerso,
a palavra árvore.

verdessência alquímica
em noturnidade ereta,
galho ocular, ramalhete,
as palavras sãs, medidas.

interlúdio, a terra
lavra sais, de tom
e abre a amora rã.

ábaco, copa côncava,
ergue erma da pedra e galho,
o óbice obeso da fôrma.

castanho malho mar-
romã ilhoa, véu.

a venta do vitre esquece,
perfuma a fibrila seda.

ração

a estirpe de carnes,
sonâmbula lágrima azul,
rói a manga e a cana.

moída cegueira,
os minerais possíveis,
corrobora à palavra.

o rio consome
o canavial da mata,
homem enterrado.

enzima protéica,
sobra da boca anelar,
apreende esferas.

casto o âmbar engenho
salpica as figuras flor,
estrita, dormita.

madeira de lenha,
mão pouca de palmo aldeia,
catar a aférese.

suçuarana

sussurrando, pequenos sis,
lábio dentado de sustos,
subscritos em ventania
e sudário vultuoso

suspensas patas surucam
o suscito suspenso e alvo,
ainda anárvores de negro,
sussuarana sumissa

o sussúrrio dá sustento
de suspiro. salobra água,
sutura util, mios dolhos,
fearful symmetry?,

hammers hirtrasuras,
halo rasteiro, rocinante
recamo roreja roriduláceas
em laços de rameiras:

sus sus – gritos de toas – psi
naus *hommme 'twas brillng,*
and the slithy toves – die walküre:
silêncio do susto. sussuarania.

vila

fonte e aglomerado,
sublinhas das conversas,
corredor rua e casa.

regressa às mãos, às
infames salamandras
como fresta e como freis.

a casa noturna inquilinos 
freme as portas e quebra
as palavras postas sem tinta.

placenta morosa, o corpo
ainda frígido, amedronta
os retângulos da valsa.

maleta

encerras, caixa feroz e vocífera,
encaixes da sombra vária errática.
manipulação: véu e carne e sino;
transpassa o escuro claro em corpo rático:

acalentas, doloroso vício símbolo,
as camadas: de tecido linha e ramos:
estática, figura entre sons sis,
pétreia vogal do abrir vaga de arados.

cobres, do fino eclipse ao ato cravado,
todo o mistério, sonho entreaberto,
de imagens, escondido em mesmos atos:

apenas folha entocada por braço;
soluço inicial, grã-vox desértica.
papel branco como preciso bráquio.

fenda

em cada orifício do dia, sobre-
passo embrutecido de leveza
e aspereza de seda, inocente
treva ou jói. quanto ouço,
senil, mortuário, apenas aqu-
ele negativo de pequenas ho-
rasas mutilações e coorte de d-
amas; morosidade macilenta.

tu fu contemplando o deserto

- kendô -

a nociva tarde de folhas pardas
conluiam amarelo e verde outono,
bata azul anil de céu e tempestade,
e dança a distância dos rio e ar.

o carvão em penas, distancia a jade
e dançando, o bambuzal zabumba
algumas trovas do grasno e sol.

a espada oscila leve e rara
aldeia retângula e mancha.
bambus povoados de corvos; 
flutua através da cidade,
o grasnar insolente e ermo.

sol oculta a fumaça
cobras verdes, areia.
 contenção de dança.

devaneio

ils pourraient faire encore de moi leur jouet
par que que faux leurre, et me navrer ensuite
d'un tourment toujours nouveau par mon
attente déçue.

jean-jacques rousseau

vêrias: o caminho,

mão olorosa de curso,
sobrepuje o olhar de górgona:
golfa o iludido.

rendeiras destecem o tem-
pó, matéria de rugas, ninho
– entretecido – de unhas
e madrepérola, na carne.

renda e fio de cobre per-
noita a mancha escura-espeto,
espetáculo em cru. vereda voci
fera um direito de guia.

amanteiga o dia, viandante –
imago de lucifera voz do *diantre*
a – carregas o portal: *lasciate ogni
speranza voi ch'entrate.* setas xequas.

entre espada e soluço, trans-
lumina um caminho-flano,
espato-azul do imemorial laço
de serpente e solitárias mechas.

Me voici donc
seul sur la terre

inflama o fauno:
faceira flacidez
feitiço e força
volume da voz.

de profundis

esparge, ao fosco fundo, açafrão
clamavi: fere, fero tambor, à
cabeça – *jokanaan* – em prato.
álamo, à raiz urdida, prenhe
noite, verdugo, dia: inclinada,
asperge, ao cadasfalso a cereja
- levedo, auriliqü^{sf}ta sílaba.
colide lenta, *colorata* sibila,
em cumas, decepam-se testas,
tendões frouxos, dedos rochedados
tentendo ao peito – alvorrubro –
flor amarga, receio de si carrasco.
traspassa, trancada em chumbo,
o punho varado, acima de sombra,
à vela da nau dormida madrugada,
vulto ao chão, culto vão, voz e vértice
sabor, escapo, em esponja retorcida
palavreando-se, roldanas, sutis ao
que cantam – meus pés, frágil sombra –
dando-se gemidos, verga-vala, *ad te*.
silente, ainda. ânsia, frêmito.
clarins, *amarillos*, côncavos: gorjeia,
à gárgula – estandarte às lanças – gris
medéi^P vilhos acorrem sobre
tijolos vermelhos da memória:
um lance d'óleo. fronte, aracne,
tecendo tragos de memória,
dânae despida de diadema –
espessa carne, alarido de manchas
ceifeiras – fia a fia, fécula – mel
de dríades, assaltam. comedidos,

os lábios – lambugem – ainda perdurantes; olhos contemplando escudo, broquel de palavras – ao que sevê, lendo – todo novo *ludens*. cala, manhã de silêncio, silencia a morada – *buccae* – de bacas, flor esta, baças barcas do bóreas sacro: brônzea, fértil, às náiades deplora, fino brando pastor. ramos de olivas, à javarda força, paveia ceifada ao rosto de deméter: deleite, face impressa ao palco, entr'ato. finge, à esfinge, tingindo de toda rubra, asas-chaves, um ainda escrito, lhe dói – parece –, aos férreos degraus, inscritos a cino polnesi, rastros, raros; rútilo cantar ruídos: *i have sung women in three cities, todos i libri di viaggio, rahdj al-gár:* pó de caverna, ruminante *but it is all the same;* ramalhete, às semi-ruas de firenze, uma *campanile* de giotto, este férreo afresco do si, mesma *and i will sing of the sun,* adorna, face comovida, a mó estreito-singela, hálito. soletrando, solertes letras, cálido escólio, textos feito espólio *pulvus:* pétreas *bianchi*, leito *leukós* de poaçu. carvalho seco, água em feixe, e quais rés? à arca lançada, nácar espesso, onça



pálida: fornalha, fumo-seco.
nárthéks ritual, olhar sem ver:
a ser, aceiro, o escrínio – de
folha, livro, forrado. tomismo
fêmeo, a rainha que de si
despoja o rei, às costas em rede,
em uma só colcheta, o nó feito
lira, fêmea. a um colibri, lúcido,
a colca bruxa, vê revelado
o destino: a si perde do argo
insone, às leis das vagas, ob-
serva do constelário, moldura
blau de selos, erva, erva.
em dança, doura meiga palavra,
junto à cidade, *domine*, nívea
de punhais: brada, este rébus,
a calchas calcinado. de fundo
ofício, cantar no encalço acre:
todo aço cravejado, pórfiro,
o poema, nosso *porneîon*. de
príapo cantor de jardim, afrodite
ou baco conluiam-se em trama,
berço do som, *hermoso*, em mosaico.
conjuro, *de profundis*, este
fosco périplo, amaro e branco.

sé^timo v^{ão}

a máscara mortuária de dante

abaixo desta máscara-
gesso, cerco e sítio,
havia - do exílio em ravena -

terzinas. sob a máscara,
dante petrificou-se ao acaso
das consteladas donnas:

beatrice e auroras dedicadas
à visão da ilusão; imagem do
fim, canto xxxiii, em que a

deidade se perfaz em número
jazendo em apenas um uno
devario beato, sopro ou sussurro:

um muro de charcos e da ilha
áurea - primum mobile - arco
dourado do santo ou santa que

apartam virgílio de sua jornada,
tornado ao limbo, sem batismo.
o corpo crédulo caiado cai: como

enfim, alighieri, sem terras, retorna
e sente paolo e francesca, amantes
infernais, retombados ao barco ou

ar em que um arauto seria guia
esta face austera rumo aos astros
comoventes de esferas estáticas ou

ainda representações de luz, estrelas
em aparições - virgens imoladas ou
cruas - estrela-pháños: rosa-dos-ventos

em 32 moventes paradas, roda
de rumores rastejantes em que
sai a guiar-se, em travessia, por

altre stelle. movência.

cacto de popa

a cerâmica, vermelho
tangido do odor barracento,
transcorre pela oscilante.

madeira rubra mão de carpim,
os outonos negrивestem as violentas.
olhos volúveis, as abelhas.

a esfericidade do caule,
caco monotongo de verde,
carpe as línguas chuvamente.

ardênciа dos tatos,
angulosa flor despatalada,
ingenua o sabedor, adormece.

a cerâmica, mesmo rubro
das falanges soniferadas,
estática como pedra,

morosa pelo não-silêncio,
verdes que se correspondem
em esparsas mãos, a terra rubra.

retenção de faca, fio d'água,
artigo, além da palavra,
espeta espeta espeta.

lâmina

a canga despeja
ruminando o olho práteo,
bainha do rosto.

baila à castanhola,
fina envergadura, o fogo,
grasno, cana má.

fia, mordedura
de dentes finos, lamina
a ponte excêntrica.

derivação de flaubert

da cortiça na parede
relumbra a silhueta
toda gorda, bigode,

e reluz a testa despi-
da fronte-instrumento
em estória, papagaio,

santos e arsênico. mme,
sonha às avessas deste
homúnculo! foire, foi-
recompensa, querência:

sobre-
grafa, copiosamente,
a folha que nada diz,
nada sabe ou quer,
medrando ainda.

da cortiça da parede,
abelhas rememoram –
tinta, borro e destino –
gustativamente, na pele
aquele homem-
pluma.

desde samba

do umbigo desce,
bico de banjo,
a quadratura

do hexágono – precisão de sand- álias e limalhas

do outro truque,
em se ir e vir,
cobertura de dendro

do entro e saio,
salugem de espé
cie de pé e contra-

pó.

suspiro de moçade – tenebras
saluem e ramagem

conversa de cabra

enquanto
mastigas a pedra,
silencias o canto.

no canto da boca
rumina – arte laborosa:
entre-
meios de capim.

no ébano mediterrâneo,
a andaluza submerge
uma dança.

manolete suspende
a espada:
uma flor decaída.

en-
quanto ruminas
o açúcar, o sal
é produzido:
faz da mágoa,
mais espessa.

um cão de paisagem:
uma palavra de engenho:
o soluço do feijão e
carnadura, de dois
galos.

bergamotas de maranhão sobrinho

um umbráculo unido: unta a foice;
fossem fossas foníferas: fortuitas velozes;
ventila em veias venturosa: verme berne;
bergamotas bebem belicosas: betume e alabastro.

púrpura púrpura púrpura púrpura púrpura:
cisne cimério simétrico de seda. um
escrito feroz felino ferve: freme.
roído por um veneno *oscuro* roto.

são alighieri nos espaços de
um escuro – interluas –
um sol satânico.

abrem-se arbóreas labaredas
de negro e fosco purpúreo
um som mal dito de leões.

rodografia de flor

temi. tremeava veia vaga.

vazio de nadas: solfejo e latas,
de uma pluma o oleiro demarca.
máscara de sangue, a tijolo mol-
dada: malefício de estação de águas.

tremi. teimava vara n'água.

canção deposta e mesa rasa –
do carvão ao gorjeio, gargarejam
as fadas: *canvas* de ácaro, na carne;
nácar de sirenes serenas, as sereias.

temi. tresnoitava o gosto gasto e
circes noite-vagas condenavam a
canção do tempo, entremeladas
madeixas: à madeira-de-naco cuspia –
asa e cabra entonces entorna as asas.

tremi. temblava timbres e thálassas
médio-mar em maresia de mar, marujo.
salobros os olhos de salmoura aquela
fada de facas e famas: feroz rosácea
de norte-sul, faminta farsa de crisácea.

temi. tremulava mariscos e serpentes
no sorriso fárreo: fábulas de fácula –
fás e nefas. do férreo monumento à
fécula do extra-céu no espelho moldada:
fagulha de água, lâmina de astro.

tremi. temariava a beterraba em betume.
brusca fama de adagas: êxule e êxtase do
êxtero-supremo. dois montes cor-dorados
moviam-se: ênfase d'euforia e amido ocre
frente ao arco, vazio de nadas, a ramagem:

temi, a rota rasa da rododácea: rododendro
terçava ao rodomel do dia, os fátuos. orvalha
o terçol do rosto ocreado: arado do amaro liqü
efeito de tornassol e filame de sal. açaime do dia,
vita nova, de tamarindo e pequi: o nome açaflor.

occare

vespa

ímpeto rompeu a casa
sonífera ferroada,
a serpente encalacrada,
uroboro das coníferas,
as ofídicas mordeduras
da picada, ovídicas
mundanças do tempo.

ímpeto sobre casca,
zunir da força, mortalha
vespiforme, negra contenção
ataca as palavras do poema,
pele negra de vespéras,
ar turbulento das tocas pretas,
cacho de uva revestida.

atinge com ponta a vermelha
a madrepérola interna doutra
vespa;
a aranha foge ao redor de
insetos.

uma forja

fabrico – em frágua e noz –
o marfim de uma nota forn-
alha, hulha, o alguidar.

nenhures, a nengra faber
– oficio das iaiás – farfalhando
língua-boa, nheengatu.

ferro e fero – cessam as chuvas –
nem não nada – o látex brota,
fábrico: o fabulário viandante;

negaça – o fás – de odor náiade.
tremula uma dança hô: a noa e
loa (remos no amazonas) –

o nefando – *calam aves virá repousó –*
doblarse las espigas en la boca del viento –
sursunverso – não nadir – o sol, às avessas,

nubifenece o solstício – rugas rubras –
o arado sustendo a charrua – um lance –
fabrica o odor de pequi: faber romã.

carvão

da cabra negra,
um pó em troncos
de tranças.

douta hulha de
minérios.

um carvão fervilha:
brasa contida do
arrebol de vitrais.



enquanto risca o
papel voragem.

um silêncio de frutas.



tucum

escorre esmalte de tucum
na veia:

do muriti, do muar maldizer.
de flagra:

se diz mulher, morosa, de tear
em que se cose o ponto:

bordado de renda
purpúreo mar de
terra, areia e pó.

carmim e pedras

a waller e pound,
natimudos

enquanto ando-
ava as andorinhas
em corcéis lás:

trova e-
java as mañanas
de incomum
museu de astros

e metal –
látex de nylon
e lorca e issiênin, h-
eliotizado pêlo 
e tessitura de textura;

troveja um *hawl* de
gue-
sa loa: alpino cor-
malte e alte-
negro son-
riso de bravejo –

perséfone de sina-
leiras do entr-ato
col(em uma outrora)
méia de meandros e 
nácares de ouro e me-
mareado de flecha e circun-

flexões de mar(es)ias,
outros-
sim danúbios in-
curiosos de verão
as lanas pré- 
dizem: *go, lovely rose* –
em rubrornadas orgias
de órgão e papelão,
a circunspecta profecia.

caroço

amarela penugem, a manga;
marrom desvão, o abacate;
branco rubro, os olhares de romã:

amassar o caroço, pedra dura
em belicosa cor da carne, afugenta
as construções de palavra.

a ostra búzio se esconde,
vela de lótus, entre desvãos
brancos cocos, que olham em três:

cálido polvilho de nesga,
verde ovo velho bege,
branca água.

urutu

rósea a cobra se enlaça
ao feixe vermelho em bico,
alicerce estaca das matutinas
fôrmas do caule-manhã,
e ao ovo ror de monte verde.

castanha, a peçonha se brame
e toca ferradura em torno do
ventre, nascida lanugem de
desperto, em movimento
circuconvexo, urucunju
faz soar o tempo de
serpente.

usta a cabeça se enfacela
em cruzes eiras, o nastro
avermelha a verde solução
de cereais, peçonha as pernas
ruidosas dos cavalos.

ulceram os covis pardos,
novelos de escamas e cruzes.
as palavras serpeiam os sentidos.

ori oxalá

(a)

corselete ortopéico
concede-se
 um câmbio
canoro:
 ‘mbirim’bau
 um banto de
cabaça; hálito
e o-
dor –
 o peso consoado
das
horas –

ressopra o meio
do caminho:
 poi
piovve – rododendro –
l'alta fantasia.

(b)

entre icásticos –
 icá – reúne
 iças em icas.
soçobram *dobales*,
 todos acesos ao
peji consoante:
o ilê, circum-negros,

*moveti lume – luminescência –
che nel ciel – ainda esburga –
a forma – s'informa:*

em orixá per-
se- faz o oriki.

fio

urge a retilínea,
abstração de pontos,
por formas de precisão,
pó, castanhas.

salobra a serpentina
toca da palavra, hulha
de cão, bico de ave;
distende varal e grampos,

ar cromático de carbúnculos,
os tecidos, tâmaras de ofi-
cio de palavras. ofídica, ser-
pente de corávida, mescla.

falanges carpem o marrom
presente do dia, mulheres
milhares em pêlo  ardência
fosca d'espinho macho.

maciça nódoa, polvilho pal-
mito. tateiam os galhos feri-
nos das flores, cacto.

espinhos castanheiros do ocre
dente, cascas de pomos, mar-
telam moluscos entre palmeiras.

ímpeta cerâmica azoina o cancro
morto de esferas, a reta se desfaz
continuamente sobre a lâmina.

Este livro foi composto no estúdio
da editora Lumme
e impresso no segundo período de 2011.